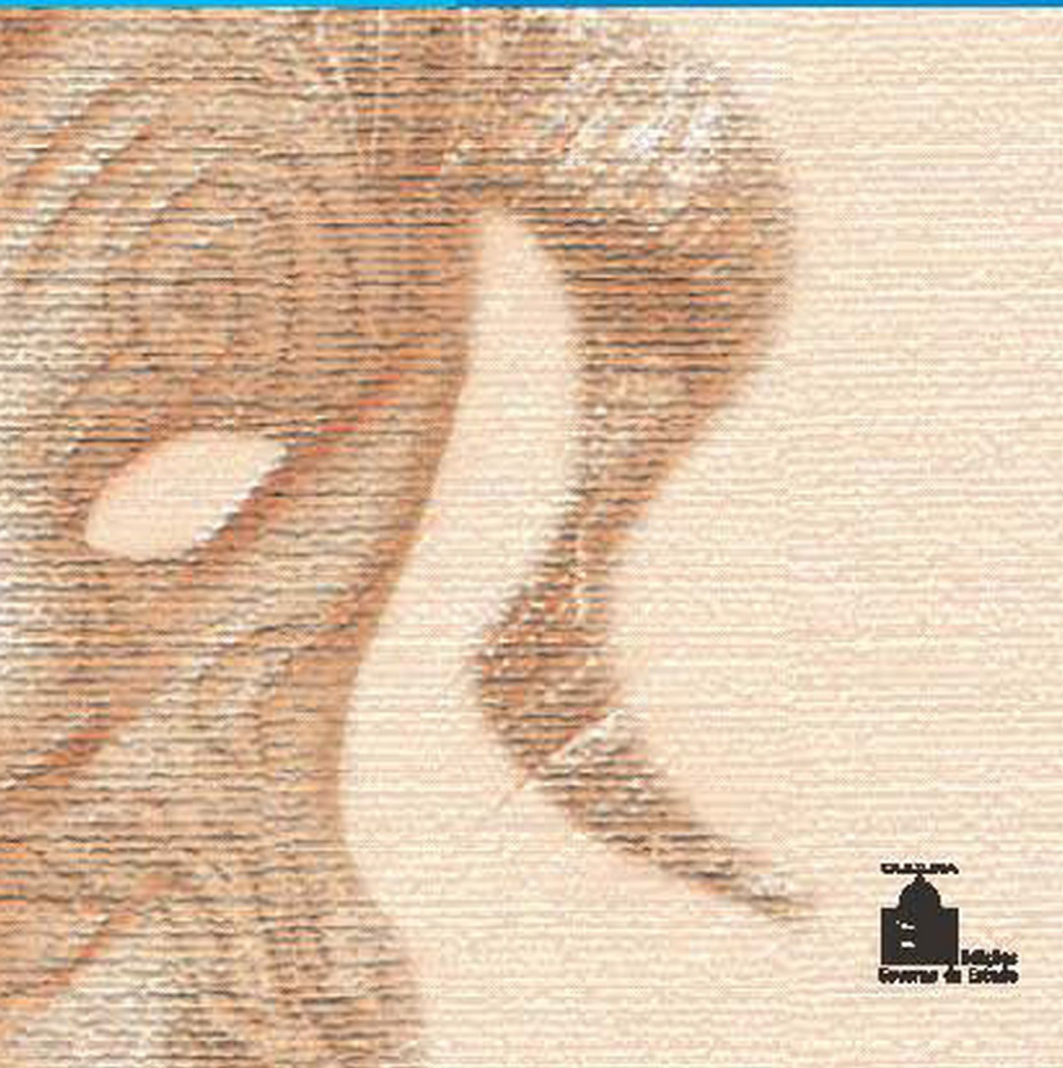
COLEÇÃO PROARTE LITERATURA

NEREIDE OLIVEIRA SANTIAGO

ESPANTO, VIDA E MORTE DE UM VOYEUR



CULTURA

Editora Governo do Estado

COLEÇÃO
PROARTE
LITERATURA

Espanto, vida e morte de um voyeur

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA
Elizabeth Cantanhede
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
Antônio Ausier Ramos

CULTURA
Secretaria de Estado
Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.: (92) 3233-9973
E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

Nereide Oliveira Santiago

Espanto, vida e morte de um voyeur

Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

Capa
ROBERTO LIMA

Projeto Gráfico e Diagramação
GRÁFICA ZILÓ LTDA

Revisão
SERGIO LUIZ PEREIRA

Normalização
EDIANA PALMA

Catalogação da Fonte

S235e Santiago, Nereide Oliveira.

Espanto, vida e morte de um voyeur / Nereide Oliveira Santiago. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.
66p. ; 14x21cm. (Coleção Proarte Literatura).

ISBN 978-85-65409-14-8.

1. Literatura brasileira. 2. Peças Teatrais. 3. Personagem. I. Título. II. Série.

CDD 869.2
CDU 821.134.3(81):792.007

Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

SUMÁRIO

A Voyeur e os Mitos 9

Personagens 11

Quadro 1 15
Os sentidos 15

Quadro 2 29
Jogos 1: do conhecimento 29

Croquis para encenação de espanto, vida
e morte de um voyeur (projeto da autora) 41

Quadro 3 45
Intermezzo circense: a queda 45

Quadro 4 47
Jogos 2: da criação 47

Quadro 5 55
Coro final: o centro 55

A VOYEUR E OS MITOS

A dramaturgia proposta pela escritora e diretora teatral Nereide Santiago em Espanto, vida e morte de um voyeur, colocará o espectador diante do imponderável confronto entre os mitos do teatro grego e as contemporaneidades indígenas, urbanas e artísticas do século, que segue sem rumo nos olhos perplexos, já apresentada em dramas como "A Busca", também obra da autora e encenado pela companhia A Rã Qi Ri. Absurdo, porém real, o teatro se depara com o encontro marcado de Cronos, o mais jovem dos titãs, que, segundo Hesíodo, constituiu a segunda geração divina, tendo a humanidade vivido, sob seu reinado, a idade do ouro. Cronos tinha medo de perder o poder real e, por isso, digeria todos os seus filhos, menos Zeus, que viria a se tornar o senhor dos céus e suprema divindade à terceira geração. Ariadne, filha de Minos, o rei de Creta, apaixonada por Teseu, deu-lhe uma espada e um novelo para enfrentar o labirinto do Minotauro. Pã, o deus dos bosques, das campinas, rebanhos e pastos, vivia cantando e dançando com as ninfas, representado com orelhas, chifres e pernas de bode. A palavra "pânico" tem origem em seu nome, pois despertava um medo em viajantes que passavam pelos caminhos das florestas. Íon, filho do amor profano de Apolo e Creusa, que o abandonou, sendo, então, criado pelo pai e tornando-se o primeiro rei de Atenas.

Dividida em cinco quadros, a ação dramatúrgica refere-se aos sentidos da percepção humana, aos jogos do conhecimento,

o intervalo circense e a queda de Ícaro, os jogos do mito da criação do mundo pelos índios, e o centro onde se desenvolvem as harmonias e equilíbrios humanos da existência.

Nereide Santiago propõe a discussão da vida, abrindo sublimes canais para a interação com qualquer plateia. Os mitos indígenas e os gregos clássicos. O mundo que é um só, e o tempo que será sempre o mesmo em todos os espaços do universo. A ousadia de Nereide sempre foi a marca registrada de suas incursões teatrais, incorporando de forma original e transcendente narrativas e personagens, tornando seus espetáculos em obras envolventes, instigantes e marcantes nos qorpos santos, suassunas e santiagos. Já encenados com brilhantismo, beleza, a coerência civil dos significados do teatro que traz a força incontrolável das rupturas e a ternura dos encontros. O espanto do voyeur é saber que, apesar de oculto, está intenso em todas as ações da peça e, no entanto, finge despudoradamente que não. O observador está sentado no escuro das plateias, diante das vitrines por onde desfruta da cidade geral. O observado está em cena, ávido de vidas e conspirando desejos de transcendências infinitas.

Sérgio Cardoso

Dramaturgo e artista visual

PERSONAGENS

ÍON
PÃ
CRONOS
ARIADNE
FIGURANTES

Um rapaz e uma moça encontram-se parados, em frente a uma vitrine repleta de produtos invisíveis ao público. Seus gestos sugerem uma discussão sobre as impressões que os objetos produzem. Das mais simples às mais absurdas. Fortes efeitos de luz e de som apoiam suas visões. Insistir no estranhamento experimentado.

A personagem Pã deve, preferencialmente, ser representada por uma atriz.

Figurino: atores, sem camisas, vestem shorts pretos, de napa acetinada. Botas de verniz preto. Vistosas e largas pulseiras pretas, com aplicações metálicas, brilhantes. Corpos

vigorosos, tatuados com motivos indígenas. Muito brilho nos cabelos. Aparência oscila entre participantes de festa tecno, egressos de academia de aeróbica, e tribo de góticos. Ensaiam alguns movimentos de dança, como bonecos.

Vê-se um praticável estreito colocado no meio do palco, em forma de ribalta, não muito elevado. Íon, ajoelhado, de costas para o público, apoia-se sobre ele. A seu lado, em idêntica posição, encontra-se Pã. Ambos movem a cabeça indicando a direção do olhar para objetos invisíveis. Vez por outra erguem-se, alternadamente, simulando maior atenção aos objetos observados.
Imaginar a ambientação de todo o teatro, ou sala, para jogo dos atores. Prever uma forma de caixa ou casa onde os atores possam cruzar em várias direções.
No primeiro espaço do palco principal, ou da cena de abertura, nas laterais do proscênio, em plano elevado, dois outros atores exacerbam a função do coro. Denunciam, esbravejam,

ironizam, com o espectador, as reações e falas de Íon e Pã. São eles que dão início aos diálogos.

QUADRO 1
OS SENTIDOS

CRONOS

(*Dirigindo-se à plateia.*) Ouçam, todos, senhoras e senhores, distinto público aqui presente e paciente, e respondam: pode haver maior ingenuidade sobre a terra? Há quanto tempo essas criaturas espreitam o invisível? Vocês acreditam que elas estão mesmo vendo alguma coisa? (*Instigante, para Ariadne.*) E tu, Ariadne, não estás vendo por aí algum blefe?

ARIADNE

(*Para Cronos e para o público, com ironia.*) É possível que vocês não creiam. Tu, Cronos, e vocês da plateia, ávidos de ação, de preferência que esta se apresente com toda a violência...

CRONOS

(*Para o público, tom de reprovação.*) Se ao menos pudéssemos ver alguma coisa? Já não basta a ficção que nos criou? E que teima em nos fazer existir?

ARIADNE

...vocês, sequiosos sempre das coisas palpáveis... apostando na materialização de cenas cruéis, com muito sangue e muita lágrima derramados.

CRONOS

...se as pessoas pudessem ver, elas diriam: "Isso é incrível. Assim mesmo aconteceu comigo!...". E chorariam, felizes, pela trágica coincidência!...

ARIADNE

– ...Entretanto, eu quero declarar algo que considero importante e que vai, com certeza, contrariá-los: EU ACREDITO!

CRONOS

(*Para a plateia, com certa incredulidade.*) Com toda essa veemência, ela pretende mesmo nos convencer de que devemos ouvir as suas razões!

ARIADNE

(*Incisiva, para a plateia.*) Sim, seguramente eles estão vendo. Pensem na importância que isso pode ter para eles!...

CRONOS

Por que, então, não podemos exercer, nós também, o elementar direito da... percepção?

ARIADNE

(*Muda o tom da voz. Sonhadora.*) Observem como seus corpos ondulam... acompanhando cada imagem... para eles parece uma promessa de coisa ou pessoa, que se insinua através das luzes!...

CRONOS

(*Para a plateia.*) Agora ela quer nos obrigar a sonhar, a todos nós!... (*Com humor, com movimentos.*) Quem sabe, ela pretende fazer todo mundo entrar em transe!

ARIADNE

(*Para a plateia*.) Imaginem seus olhos, o úmido brilho de prazer com a visão dessas simples e possíveis coisas!

CRONOS

(*Para a plateia, com ironia*.) Quem sabe, por serem pequenas, não mereçam nossa atenção!...

ARIADNE

...São, talvez, seus pequenos e grandes sonhos! Ouro... prata... nuvens. O branco e o negro. Nenhuma cor... todas as cores.

CRONOS

(*Persistindo na ironia*.) Pois, então, que socializem essas maravilhosas visões!... (*Tom de censura.*) Por enquanto, só estou vendo uma grande prova de individualismo!... Que pretensão! A cena só está começando e já querem mostrar suas garras!... E eu? Como vou ficar? Estão querendo roubar o meu filme!

ARIADNE

(*A Cronos.*) Não é nada disso, Cronos, tu deverias ser mais generoso. Procura seguir o exemplo deles! Vamos, te deténs um pouco mais sobre aquilo que estás vendo, simplesmente, ou naquilo em que acreditas estar vendo, ponto!

CRONOS

(*Com sarcasmo.*) Acreditem, senhores! Vamos ter um belo espetáculo! Haja sonhos, transe, visões! Se preparem, estou prevenindo!

ARIADNE

Procura relaxar, Cronos! Para com o deboche! Mais respeito para com ...o teu próximo!

Íon e Pã insistem nos movimentos de reação de acordo com suas visões. Viram-se em direção às laterais do palco. Correm alguns metros, sincronizados. Param. Respiram forte e ruidosamente. Recuam até o ponto de partida, de costas, assustados. Voltam-se para o público. Emitem gritos agudos. Gritos de pânico.

CRONOS

(*A Ariadne.*) E agora, o que me dizes disso? (*Para a plateia.*) Será que já está na hora de manifestarem tamanha histeria?! Mal acabam de pisar no palco!... (*A Ariadne.*) Então, Ariadne, podes responder? Que diabos essas criaturas viram?!... ou que demônios estão encarnando?!...

ARIADNE

(*Com segurança.*) Cronos, tenta me ouvir! Nada mais natural, a reação deles. Pensa bem: para onde estão olhando? (*Fixa o olhar em direção à plateia. Volta-se, assustada.*)

CRONOS

(*Fixa o olhar em direção à plateia. Elabora uma série de máscaras, seguidas de interjeições.*) Ah!... Ahn?... Ih!... Hm!... Ah! Danem-se! Então, é para essas pessoas que eles estão olhando?!... Mesmo assim...Me perdoa, Ariadne, não consigo encontrar explicação para tamanho espanto!

ARIADNE

Cronos, acredita em mim! Eles têm toda razão! Eu mesma... olhando de camarote... estou pasma!... Imagina eles, frente a frente com as feras!... (*Dirige-se, com gestos, ao conjunto de espectadores.*) Concordem comigo! Existe algo mais terrível do que i s s o que se apresenta? (*Voz grave e dolorosa.*) Vocês são obrigados a carregar com vocês todas as misérias do homem? Todas elas, estampadas em vocês?... (*Recitando de maneira angustiada.*) A fome, a dor, a peste, a morte... Isso parece justo?

Íon e Pã tornam a virar-se em direção ao fundo do palco. Retomam os movimentos iniciais, ondulantes, intensos, prazerosos. As luzes cedem lugar à projeção de um vídeo contendo a reprodução de trechos da tela "O Jardim das Delícias", de Bosch. No mesmo vídeo, vê-se a representação de atores, animando as cenas e juntando-se às personagens e situações expostas no quadro. Diante dessas imagens de sonho e de fantasia, Íon e Pã emitem interjeições, procurando contagiar de prazer o espectador. A música se faz intensa. Reduz-

se, gradativamente, à medida que a tela se apaga. As vozes de Íon e Pã transformam-se em murmúrios, confundindo-se com o som da própria respiração.

ARIADNE

(*Alternando os murmúrios de Íon e de Pã.*) ...Sem máscaras... Todos os pecados...

CRONOS

(*Alternando os murmúrios de Íon e de Pã, para a plateia. Tom de desprezo.*) ...Nenhuma dor será tão forte que eles não possam suportar com alguma dignidade!...

ARIADNE

(*Recitando*) ...a ira, a gula, a inveja...

CRONOS

(*Para a plateia.*) Que não sejam dignos, mas pelo menos um pouco humildes... Por que então não imploram clemência aos deuses?

ARIADNE

(*Declinando*)... todos os pecados... o orgulho, a luxúria...

CRONOS

(*Generoso.*) Nem digo aos meus... (*Apontando para Íon e Pã.*) mas aos seus deuses! (*Sem interesse.*) A seu deus... ou algo que o valha!...

ARIADNE

p-e-c-a-d-o-, que se traduz como a contradição da virtude... a avareza, a preguiça...

CRONOS

(*Enfático.*) Contanto que peçam clemência, que se comuniquem, se exponham às incertezas do universo!...

ARIADNE

(*Para a plateia, em tom de acusação.*) De todos os vícios, enfim... herdeiros de todos os males... marcados... sem poder se livrar de nenhum deles!...

CRONOS

...que se abram as feridas... que confessem as fraquezas...

ARIADNE

...todos os sinais, impressos em seus corpos, em suas faces...

CRONOS

...Quem sabe, dessa forma, eles consigam superá-las?

ARIADNE

...como manchas irreparáveis... irrecuperavelmente... t o d o s!

Íon e Pã elevam os murmúrios. Mais interjeições. As luzes do fundo voltam a clarear. Uma flauta no palco conduz a dança das luzes, em concerto com os movimentos de Íon e de Pã que parecem despertar.

CRONOS

Isso, enfim, poderia conferir-lhes o mínimo heroísmo!... (*Para Ariadne.*) Olha, Ariadne! Parece que estão voltando ao normal! (*Aumenta*

o tom de voz. Com interesse, para a plateia.) Olhem, vocês! Eles estão despertando de um longo e estranho sono!...

ARIADNE

(*Para si mesma.*) Qual a diferença? Acordar... dormir. Viver... morrer. É tudo tão ...instintivamente primário!...

CRONOS

(*Para a plateia.*) Olhem, convenham comigo, eles estão confundindo tudo. Acho, mesmo, muito pretensioso tomar para si toda a miséria do homem, todas as dores do mundo!...

ARIADNE

(*Muda a inflexão. Para a plateia, ensaiando afetação burocrática.*) Vou submeter vocês a uma prova. Vocês são capazes de responder? Quantos trabalhos são estabelecidos como desafio à morte? (*Simula esperar resposta.*) Quais os regulamentos?... Quem determinou? (*Para si mesma, com desânimo.*) Não dá pra responder. Ninguém! É tudo tão vago, tão

confuso... (*Mais forte, com indignação.*) Tão estupidamente arbitrário!...

CRONOS

...E sem nenhum traço ou manifestação de heroísmo!

ARIADNE

(*Desanimada.*) ...E ao final, é ela sempre, contra os homens, a vencedora, cruel, em luta desigual!... Então, isso é justo? (*Anima-se, mudando de tom, apresentando a cena do fundo do palco, com Íon e Pã.*) Isso parece justo! (*Aproxima-se de Cronos, tomando-lhe a mão, quase o arrastando pelo palco.*) Vem, Cronos, vamos celebrar com eles tudo o que for ou o que parecer com a vida!

Cronos e Ariadne desfilam alegremente pelo proscênio, em seguida até o fundo do palco, aproximando-se de Íon e de Pã, cantando, acompanhando o som da flauta, cuja melodia se acelera, acompanhada de outros instrumentos, até se transformar num ritmo de rock. A alegre música invade o palco e a sala, os

quatro dançam freneticamente, voltando para o proscênio, percorrendo toda a extensão do palco. A projeção de vídeo se refaz, mostrando quadros congelados, enquanto a música toca de forma intensa, até a diminuição da luz.

QUADRO 2
JOGOS 1: DO CONHECIMENTO

Íon e Pã voltam a apresentar movimentos mais fortes. Levantam-se. Viram-se em direção às laterais do palco. Correm alguns metros, sincronizados. Param. Respiram forte e ruidosamente. Recuam até o ponto de partida, de costas. Voltam-se para o público. Param. Emitem gritos agudos. Gritos de pânico. Tornam a movimentar-se. A luz e a música os empurram em direção à plateia. Correm, sempre sincronizados, como atados a correntes. Detêm-se no meio da sala, ocupando um praticável reservado para a função. Como a haste central de uma cruz.

Cronos e Ariadne, também empurrados pelo som e pela iluminação, saem de suas posições e os acompanham, correndo. Chegando ao centro do corredor, distribuem-se pelas laterais da sala, elevando-se em praticáveis ou em colunas. Na passagem, estendem, desde o palco, um longo véu vermelho. Lembram as bandeiras olímpicas, deixando um rastro aéreo.

Íon e Pã voltam-se para fixar o olhar em direção às laterais e observam interessados os movimentos de Cronos e Ariadne. Elaboram uma série de máscaras, acompanhadas de interjeições. Emitem algumas palavras indígenas, pausadamente, mastigando de forma articulada.

ÍON e PÃ

(*Mastigando as palavras, com inflexão próxima do canto. Combinam, articuladamente, gestual mímico com fragmentos de palavras.*) Weti ke wama ki? Onde...? Weti há wama ki peria?[1] Há quanto tempo... nós nos conhecemos?

CRONOS e ARIADNE

(*Sincronizando a fala, mastigando as palavras, colorindo-as, apesar do tom grave.*) Vocês... nós? (*Combinando risos, com ironia.*) Ora, sem falsa modéstia, precisamos admitir: somos mais antigos que a própria humanidade!

Cronos e Ariadne detêm vigorosamente o olhar sobre Íon e Pã. Observam, estáticos, a plateia.

ÍON e PÃ

(*A Cronos e a Ariadne, entre o cético e o ingênuo.*) E por isso, por causa dessa (*Com desprezo.*) anterioridade, devemos acreditar que somos mais humanos?

ÍON

(*Dirigindo-se a um espectador.*) Tu acreditas mesmo que existem, mais em mim do que em ti, as grandes marcas da condição humana? (*Observando o próprio corpo, intrigado.*) Vês em mim alguma diferença?

ARIADNE

(*Para a plateia, com ironia.*) Como pode ser tão ingênuo? Não acreditar na própria mitologia!... (*Para Íon, enérgica.*) Anda, depressa! Tenta recuperar tua lenda!... Tua história de poder e de heroísmo!... Aproveita, deita e relaxa sobre tua cama de glória!.... (*Para a plateia.*) Felizmente para a humanidade... (*para Íon, com prazer vingativo.*) ...tua postura ingênua não te faz menos divino!...

PÃ

(*Dirigindo-se a outro espectador.*) Tu, que pareces tão reflexivo, queres experimentar um pouco esse peso? (*Espera um momento a resposta do espectador.*)

CRONOS

(*Para a plateia, em tom zombeteiro.*) Faltava essa! Agora, aquele outro vem querer transferir a responsabilidade!... Indigna covardia!

PÃ

Vamos, depressa, responde, antes mesmo de pensar! Sobe aqui! Te aproxima de mim! (*Faz subir o espectador. Põe-se de quatro. Imita a marcha de um jumento. Sugere ao espectador fazer o mesmo. Simula carregar um enorme fardo às costas. Exige a repetição do espectador. Levanta-se e acompanha os movimentos. Insiste em maior elaboração. Aplaude, seguido dos demais espectadores. Faz o espectador dar mais uma volta. Ouve-se um ruído estrondoso. Um alçapão traga o espectador. Pã faz ainda uma volta, como se nada houvesse ocorrido, simulando a permanência do espectador em cena.*

Anuncia, finalmente, o seu desaparecimento.) Impossível!... O jumento, perdão, o indivíduo sumiu!... Onde ele se meteu?... Agora que estava indo tão bem no seu papel!... E a carga, o que fez dela? (*Refletindo.*) Será que carga e jumento estavam tão pesados assim? (*Senta-se, meditativo, apanha uma flauta e toca uma ária melancólica.*)

ARIADNE

(*Comentando com a plateia.*) Eles se dão até ao luxo de brincar com a própria condição divina!... (*Refletindo.*) Não consigo entender o desprezo por tão rica herança.

PÃ

(*Para o público.*) Por favor, se um dia vocês o virem, novamente, façam-lhe essa pergunta, que é fundamental para mim: o peso era mesmo muito grande? Seria preciso um titã para suportá-lo?

CRONOS

(*Para a plateia.*) Vejam o que eles consideram importante!... Uma bobagem! (*Irônico.*) *Será*

que, por tão ínfimo detalhe, a humanidade ficará menos feliz?!...

ÍON

(*Insistindo para que outro espectador venha até em cima do praticável.*) Vem aqui! Me mostra essas terríveis diferenças! Minha curiosidade está me levando à loucura. (*Propõe um jogo de mímica: movimentos clownescos, gestos do baixo corporal, obscenidades etc., exigindo a interação do espectador, sugerindo e esperando novas elaborações.*) Vamos, continua!... Fantástico!... Isso é um absurdo!... Ridículo!... (*A cada reação, Íon aplaude ou reprova com vaias, assobios, procurando seguir-se dos demais espectadores. Coloca, a seguir, disfarçadamente, um cabo de aço em volta da cintura e dos braços do espectador.*)

Cronos e Ariadne reforçam a percussão.

ÍON

(*Ao espectador, em tom de desafio.*) Vamos, então, à mais uma prova! Tu te consideras capaz de voar? (*Grita.*) Então, voa! (*O espectador*

se eleva lentamente nos ares. Íon, atônito, para a plateia.) Ah, confesso que essa me surpreendeu!... Aplausos para o herói! (*Para o espectador-ator.*) Ei, para onde estás indo? (*Insiste em obter resposta do espectador-voador. Refletindo, com a plateia.*) Isso não está mais parecendo humano, parece muito mais... divino!... (*Gritando, para o espectador-voador.*) O que estás vendo daí de cima?... Ei! (*Para a plateia.*) Será que, ao perder a razão, perdeu também a voz?! (*Para o espectador-voador.*) Não és capaz de responder? Como estás vendo a gente daí, de tão alto? (*Para a plateia.*) É mesmo um estúpido! Não precisava exagerar, nos humilhando dessa forma!.. (*Ao espectador-voador.*) Vamos, responde! (*À plateia.*) Não dá a menor confiança. (*Enérgico, ao espectador-voador.*) Então, determino: que desapareça, o arrogante! (*O espectador-voador é levado mais rapidamente para o alto, desaparecendo nos bastidores.*)

ARIADNE

(*Para a plateia.*) Vamos convir, ele quebrou a cara! Não estava preparado para tamanha surpresa.

CRONOS

(*Para a plateia.*) Será possível que, em nenhum momento, ele tenha vislumbrado a mínima realização humana?! (*A Ariadne.*) Tu podes acreditar nisso, Ariadne?

ARIADNE

(*Para a plateia.*) Vocês têm que concordar!... O "nosso ator", a quem chamaremos Ícaro, fez um belo papel! Vocês viram que até mesmo roubou a cena?!... (*Para Cronos.*) Então, Cronos, agora, tu estás aplaudindo e pedindo bis?

CRONOS

(*Para Ariadne.*) Tens razão, Ariadne. (*Olhando a plateia, com admiração.*) Ainda bem que a plateia não se intimidou. Acabou dando uma lição, mandando um grande (*rindo*), um alto representante! (*Tom de satisfação.*) Belo exemplo, esse Ícaro!

ARIADNE

(*Para Cronos.*) Vamos devagar, Cronos! Ainda não é hora de se fazer um julgamento.

CRONOS

(*Com solenidade irônica e simulado orgulho, brincando com a retórica, para a plateia*).) Mesmo assim, já posso afirmar que minha parte humana se vangloria, enquanto assiste ao fracasso de meu pedaço divino.

ARIADNE

(*Para Cronos.*) Ainda é cedo, Cronos. (*Entusiasmando-se.*) Vamos esperar que haja mais teatro!

CRONOS

(*Para si mesmo.*) Pensando bem, foi tudo muito rápido. Apesar disso, tudo parecia programado... havia uma certa organização!... pode-se dizer que havia uma quase perfeição!...

ARIADNE

(*Para Cronos.*) É surpreendente! Tu observaste com que prazer!... como Ícaro desfrutava daquele jogo!...

CRONOS

(*Para Ariadne.*) É mesmo! Enquanto Ícaro curtia sua viagem, Íon dissimulava a sua indignação!... Parecia estar dizendo: "Por que não sou capaz de subir como ele?... O que foi retirado de mim que me deixa incapaz de fazer isso?".

ARIADNE

(*Para Cronos.*) ... Pois é, Ícaro seguia indiferente... todo o corpo entregue à brincadeira!...

CRONOS

(*Sem dar ouvidos a Ariadne. Para os músicos, com euforia, agitando no ar uma batuta imaginária.*) Me ajudem com a percussão! Um "vibratto"!... (*Espera resposta dos músicos.*) Um "stacatto"!... Mais entusiasmo. (*Elabora, de forma canhestra, uma série de movimentos-clichê, atribuídos às figuras divinas. Ensaia, por*

exemplo, manter-se horizontalmente no ar, apoiado apenas sobre uma mão, enquanto a outra mão se lança em movimentos etéreos. Cai. Levanta-se, acena para os músicos. Outra tentativa, sempre caindo. Levantando-se, para os músicos.) Será que essas cordas não podem me segurar?

ARIADNE

(*Para Cronos, confiante, sem prestar atenção aos seus movimentos.)* É..., Cronos. Em princípio, muita coisa pode acontecer!...

CRONOS

(*Para Ariadne, simulando muito esforço.*) Por isso mesmo, minha cara parceira...

ARIADNE

...O que se viu aqui, até agora, é apenas um ensaio. Precisamos de mais teatro...

CRONOS

...por isso, estou improvisando este intermezzo! (*Para a plateia.*) E ela nem me olha!...

ARIADNE

(*Sem atentar para a performance de Cronos.*) O verdadeiro teatro!...

CRONOS

(*Para o público.*) Ainda não percebeu?! Eu me acabando aqui, para poder aparecer, e ela não dá a mínima importância!...

ARIADNE

...Aquele que todos queremos ver!... O espetáculo pronto, redondo, acabado!...

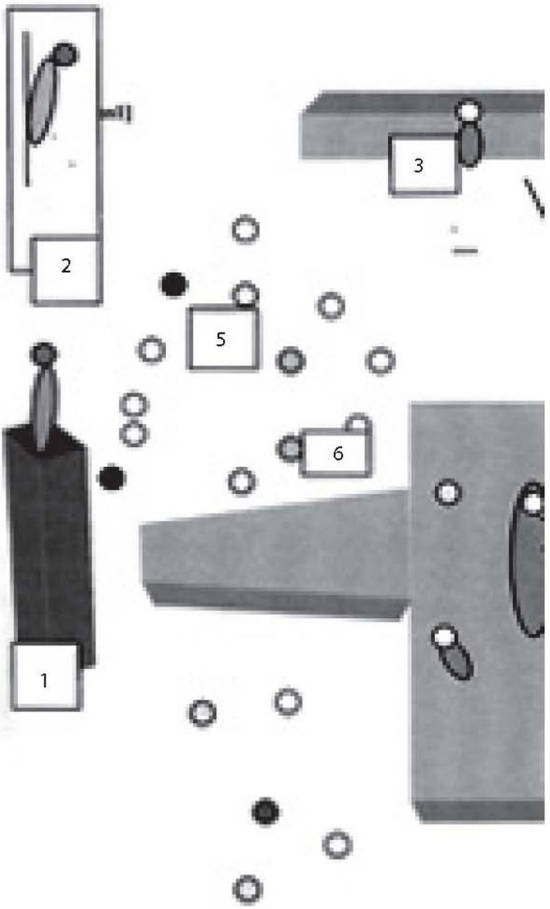
CRONOS

(*Para Ariadne.*) Ei, Ariadne! Olha um pouco para mim! Eu também existo!... (*Para a plateia.*) Ou será que não! (*Para Ariadne.*) Não mereço um pouquinho de tua atenção de espectadora? (*Cronos faz mais uma tentativa de equilíbrio no ar. Nova frustração.*)

ARIADNE

(*Para Cronos, com mofa.*) Francamente, Cronos, se dependermos de ti, com toda essa presepada, o teatro estará morto!

CROQUIS PARA ENCENAÇÃO DE ESPANTO, VIDA E MORTE DE UM VOYEUR (PROJETO DA AUTORA)



Legendas:

1. Cronos
2. Ariadne
3. Íon
4. Pã
5. Espectadores
6. Praticáveis - palcos móveis

6
4
1
6
2
5
6

QUADRO 3
INTERMEZZO CIRCENSE: A QUEDA

Ouvem-se fortes sons de sirena, alternados com fanfarras de circo. Luzes circulam por todo o espaço acima dos espectadores. Cronos e Ariadne olham, surpresos, para um foco vindo do alto. Um boneco, de tamanho natural, vestido com as cores da roupa de Ícaro, é estendido no ar, com os braços e pernas abertos, para em seguida ser atirado, como num voo livre. Cronos e Ariadne estendem os braços, em forma de rede, para apoiá-lo. Desfilam animadamente por todo o palco fazendo contínuos lançamentos de Ícaro no ar, com manifestações de aplauso.

CRONOS

Viva, Ícaro, conseguiste! Como foi isso?

ARIADNE

Que maravilha! Me ensina como fazer isso! Estou imensamente orgulhosa! Um pouco de inveja, claro, mas muito orgulhosa!

CRONOS

És o triunfo da humanidade! Um pouco da minha derrota, claro! Mesmo assim, quero ser generoso. (*Para a plateia*) Aplausos para o herói!

ARIADNE

Senhoras e senhores, isso merece uma comemoração! Deem vivas ao grande Ícaro! Palmas para ele! Ele merece!

QUADRO 4
JOGOS 2: DA CRIAÇÃO

Aqui se enuncia, com maior nitidez, a identificação de Íon e Pã com as suas origens.

Íon e Pã voltam-se, alternadamente, para as laterais, em sentidos opostos, para fixar o olhar em Cronos e Ariadne. O tempo conferido ao movimento deve ser rigorosamente marcado, lembrando os autômatos de relógios antigos. Voltam-se para a plateia, traçando uma diagonal, sempre em direções opostas. Alternam a direção do olhar. Assim, quando Íon se dirige à plateia mais à esquerda, na direção centro da sala até próximo ao palco, Pã se concentra sobre a plateia à direita, indo do centro ao fundo da sala. Invertem as posições. Recitam um texto em língua indígena.
A cada um é reservada a recitação de um trecho cuja articulação deve ser rigorosamente sequenciada, como se falado por um só ator. Toda a fala é conduzida por expressões vigorosas do corpo, além de contínuas variações da voz e inflexões. Íon e Pã, além

de narradores, se investem também na função de atores, representando as personagens da história. Aqui, deve-se imprimir agressividade na atuação, simulação de violência, utilizando recursos de mágica.

Cronos e Ariadne mostram a legenda ao público. Tocam um tambor ou uma maraca para atrair a atenção, a cada informação apresentada. Compõem o tom alegre da cena, quebrando-lhe a possível densidade.

ÍON

Korianari pe mata xipenamayoma. Suwe pe mao tehe, ihi te mata ha totoikuni, te mata ha xipenarini, pei te mata hami suwe a ha kupraruni, a ha pataariheni, ihi a suwe hami te pe re kuwemonowei.[2]

CRONOS

Naquele tempo, não havia mulheres. Japu e sua gente engravidavam na barriga da perna... Estendia-se a perna para receber o amor do outro.

PÃ

– *...Ihi a noti hami ai a suwe ha kuprou kõroni, warõ a re kuprarionowei.*

ARIADNE

– ...Nasceu, então, a primeira mulher, na barriga da perna...

ÍON

– *...Inaha te pe há kuaai xoataruni, Korianari pe re paranowei. Te pe ka eokai há xoataruni, xoataruni, xoataruni, ihi suwe te pe re tanowehei, tanowehei, tanowehei, tanowehei...*

CRONOS

– ...Quando a mulher cresceu, copularam com ela. Outra mulher nasceu e, a seguir, um homem....

PÃ

– *...Ihami warõ te pe re hakikanowehei, te pe re hakikai yahetimonowehei, te pe re pararayonowei...*

ARIADNE

...A gente de Japu se multiplicou rapidamente, com o nascimento de mulheres e, a seguir, de homens, que se misturavam com as mulheres...

A luz ganha tons avermelhados. Íon e Pã iniciam uma grande volta, dançando e cantando, lentamente, contornando todo o espaço. Pã, um pouco atrás de Íon, apoia a mão direita em seu ombro. Expõem no corpo e na voz toda a tensão ritualística, marcada pela percussão de Cronos e Ariadne. Detêm-se no centro, iniciando nova narração, com a mesma forma de representação. Continuam acompanhados pela percussão e pelas legendas de Cronos e Ariadne.

ÍON

Korianari peni Yeyemawe a kai re perionowehei. Yeyemawe a pata naikiri hai re perionowehei. Ihi Korianari re peni a pata Yeyemawe re xerenowehei, ihi re pe ihirupi wai ha.

CRONOS

Naquele tempo, Yeyemawe morava com a gente de Japu. Era um ser monstruoso e sanguinário. Comeu os filhos deles e, por isso, decidiram matá-lo.

PÃ

Periami te ihirupi yai ha warini, opo re pe kuprawe ma mai ha makui, te ihirupi xomi ha rururení, Yeyemawe a pata naikirini pe te pe rii wai no kuperexi.

ARIADNE

Um dia, Yeyemawe convidou o filho do chefe para andar na mata com ele, para matar um tatu. Na verdade, não havia nenhum tatu, e Yeyemawe só fez isso para enganar a criança. Por causa disso, decidiram flechar o monstro, enquanto ele comia cabari.

ÍON

Ihi re te pe wai ha, ihi wapu yeyema re ki pata tai tehe, pe mo pehito pata niãai no kuperahexi.

CRONOS

Primeiro, flecharam a mulher dele na parte superior da vulva.

PÃ

Ih hesiopi re e naka huko re niãkenowehei, hesiopi Yeyemayoma re a raãwa ha, e ã pata peprarioma:

ARIADNE

Ela gritou muito alto. Yeyemawe, o marido, gritou para ela:

ÍON

Yeye! Tehi mai ha! Tehi wai kua yaire! Payeketo!

CRONOS

Vamos precisar de cabari para comer com a carne da criança! Aqui tem muito pouco. Vai procurar mais distante!

PÃ

E puhi pata hore kui yaro, e wã kai pata hore re rerekeapraronowei, wapu yeyema ki tai ha,

Korianari peni pei mo pehito ha: "Tah!", xereka namoni.

ARIADNE

Aí, Japu e seus parentes lançaram uma flecha envenenada na base do pênis de Yeyemawe. Assim, acabaram com a vida de Yeyemawe e sua mulher.

ÍON e PÃ

Eee...!

Íon e Pã concluem a narração. Ensaiam alguns passos de dança, vigorosos, acompanhados pela percussão de Cronos e Ariadne. Em um dos volteios, detêm-se para observar o exterior através da porta de entrada da plateia. Uma força imaginária os atrai. Correm, vigorosamente, até a entrada. Param, voltam-se, em diagonal, para as plateias, fixando o olhar, atentamente, emitindo interjeições cortadas, alternando com a expiração sonora e o som dos tambores.

QUADRO 5
CORO FINAL: O CENTRO

Cronos e Ariadne refazem, com vigor, a caminhada até o centro da plateia, ostentando a faixa aérea de fogo, relembrando ao espectador a forma quase completa da cruz, recriando, com solenidade ritual, a composição de uma mandala. Sons invadem a sala.

ARIADNE

(*A Cronos.*) Então, Cronos, voltamos ao centro!...

CRONOS

(*A Ariadne.*) É verdade? Já estivemos mesmo aqui?

ARIADNE

(*A Cronos.*) O que nos trouxe antes?! Por que voltamos agora?!

CRONOS

(*A Ariadne.*) Como poderíamos explicar essa volta?!

ARIADNE

(*À plateia.*) Talvez vontade de retomar o início?... o fim?...

CRONOS

(*Refletindo.*) O início?... O fim?... E o meio, não vale nada? Não nos leva a lugar nenhum?

ARIADNE

(*Refletindo.*) O meio já não é o início do fim?... O meio... Lembro agora... dizem os, assim considerados, mortais por inteiro – (*Recitando.*) "é a afirmação da virtude", ou, talvez, "a virtude está no meio", ou, ainda, "Querem encontrar a virtude? Procurem no meio, aí ela estará".

CRONOS

(*A Ariadne, com entusiasmo.*) Muito bonito! Muito bem dito!... (*Com ar desolado.*) Mas, apesar disso, acho um tanto vazio todo esse palavrório!... Não sei, até mesmo sem forma. Me diz, então, como a gente encontra o meio?

ARIADNE

(*Procurando, até o meio da plateia.*) Aqui é o meio, suponho. O centro. Se existir, na plateia, um geômetra, desenhista, arquiteto, engenheiro etc. que possa me ajudar...

CRONOS

(*Ao silêncio da plateia.*) Nada, ninguém! Tu tens que decidir, Ariadne! Continua!

ARIADNE

(*A Cronos.*) Não?! (*À plateia, com ar superior, dando voltas sobre um mesmo ponto.*) Então, está decidido: EU DECRETO este espaço como O MEIO!

CRONOS

(*Aplaudindo Ariadne, quase dançando em sua volta.*) É isso!... É claro! Está perfeito! Tens toda a razão!... Tu o encontraste! Preciso encontrar também. Tu podes me ajudar?

ARIADNE

(*Circulando no espaço delimitado, com voz impostada.*) "Eu sou o meio! Eu sou a virtude!".

(*Faz o conhecido gesto que a iconografia e a história sagradas atribuíram a Cristo. Desfila num diâmetro de três metros, fazendo-se assimilar como "a virtude".*)

Cronos acompanha Ariadne, com ares de fiel de procissão.

CRONOS

(*A Ariadne.*) Então, vimos mesmo aquelas criaturas? Seus corpos circularam no meio dessas pessoas?!

ARIADNE

(*À plateia.*) É certo, Cronos! Essas criaturas estiveram lá! Do começo ao fim!

CRONOS

(*A Ariadne.*) É provável que tenhas razão. (*À plateia.*) Quer dizer que, concretamente, materialmente, elas passaram por aqui?!

ARIADNE

(*A Cronos.*) Sim, elas estiveram mesmo aqui. Assim como nós! Todos percorremos o mesmo espaço.

Cronos e Ariadne voltam o olhar em direção a Íon e Pã.

ARIADNE

(*A Cronos.*) Então?!... Por que estão assustadas, como se ainda não houvessem percebido a existência dessas pessoas?!...

CRONOS

(*A Ariadne.*) De nada adiantou eles se aproximarem. Isso não conseguiu diminuir a estranheza. Ariadne, pensa um pouco, de onde eles vieram!...

ARIADNE

(*A Cronos.*) É verdade. Nós mesmos achamos tudo muito estranho.

CRONOS

(*A Ariadne*.) Observaste com que entusiasmo contaram aquelas coisas fantásticas?

ARIADNE

(*A Cronos*.) E com tamanha convicção!... Cronos, temos de concordar, aquelas histórias pareciam verdadeiras!...

CRONOS

(*A Ariadne*.) É isso! Tinham todas as características de acontecimentos reais!

ARIADNE

(*A Cronos*.) ...Como se eles tivessem vivido... participado desses fatos...

CRONOS

(*A Ariadne.*) ...como personagens principais...

ARIADNE

(*A Cronos*.) Personagens, nada! Mais que isso. Como pessoas em carne e osso!... Espírito e corpo aqui presentes!...

CRONOS

(*À plateia*.) É mesmo! Como vocês estão agora!... Vivos... presença concreta!...

ARIADNE

(*À plateia*) Também vocês!... Um novo acontecimento!...

Cronos e Ariadne estendem a faixa até cobrirem Íon e Pã, ultrapassando-os. Completam a forma da cruz.
O som da flauta se insere para abrandar os movimentos de Íon e Pã, conduzindo-os a uma leveza, que pode ser completada pela suspensão em cabos de aço, imitando uma caminhada com ausência de gravidade.

CRONOS

(*A Ariadne*.) E de repente, por que correram daquela forma desesperada, até a saída?

ARIADNE

(*A Cronos*.) É verdade! Que estranho!... Eu percebi que alguma coisa os atraía para fora!...

CRONOS

(*A Ariadne*.) E, no entanto, subitamente, eles decidiram reagir. (*Refletindo*.) Por quê?

ARIADNE

(*À plateia.*) ...Então, pensei... com certo despeito, confesso,... eles voltaram às suas visões maravilhosas.

CRONOS

(*À plateia*.) ...Como se quisessem roubar o fogo... uma nova versão de Prometeu? Ou, quem sabe, mais algum outro trabalho divino?...

ARIADNE

(*A Cronos*) ...Aquelas mesmas visões inquietantes... que só eles puderam ter...

CRONOS

(*A Ariadne.*) Me respondi, então...

ARIADNE

(*À plateia*.) ...Se foi assim, por que desistiram?

CRONOS

(*A Ariadne*.) ...nem mesmo eles acreditavam...

ARIADNE

(*A Cronos*.) ...Talvez, por se sentirem confortáveis, com toda essa gente...

CRONOS

(*À plateia*.) ...é verdade... aqui... tão próxima...

ARIADNE

(*A Cronos*) ...ali... muito perto deles...

CRONOS

(*À plateia*.) ...tocando... sentindo... palpável, mesmo...

ARIADNE

(*À plateia*.) ...deixando-os em segurança ...uma certa cumplicidade...

CRONOS

(*À plateia.*) ...provando o perigo...

ARIADNE

(*À plateia*.) ...encontrando, finalmente, uma espécie de abrigo...

CRONOS

(*À plateia*.) ...sofrendo quedas ...experimentando o prazer da vertigem...

ARIADNE

(À *plateia*.) ...aconchegando-se na calma do útero... o silêncio...

CRONOS

(*À plateia*.) ...o big bang...

ARIADNE

(*À plateia*.) ...provando isso tudo... o calor envolvente da mãe...

CRONOS

(*À plateia*.) ...o ruído dilacerante da explosão... o caos!

ARIADNE

(*À plateia*.) ...É claro! Eles sentiram o sopro da vida!

Fortes ruídos invadem o ambiente. As luzes são reduzidas. O som da flauta, a seguir, acompanha o gesto de Ariadne, que sopra uma tocha, reavivando a chama. O seu rosto permanece iluminado pela tocha, por alguns segundos após o blecaute, sustentado pelo som do violino que se distancia.

FIM

Este livro foi composto pela Gráfica Ziló LTDA para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Verdana/kalinga no corpo 12/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m² em abril de 2012.

Um rapaz e uma moça encontram-se parados, em frente a uma vitrine repleta de produtos invisíveis ao público. Seus gestos sugerem uma discussão sobre as impressões que os objetos produzem. Das mais simples às mais absurdas. Fortes efeitos de luz e de som apoiam suas visões. Insistir no estranhamento experimentado.

Secretaria de Estado da Cultura

AMAZONAS
ESTADO DE FATO

TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA